



A TROPILHA PARTE DA LIBERDADE SEM LIMITES DOS PAMPAS PARA O TRABALHO PENOSO DOS CENTROS DE LAVOURA.

O CAVALO E O COLONO

Por GILBERTO MIRANDA

"A MADRUGADA que passou não volta mais..."

O verso melodiosamente triste se perde na verdura do campo, enquanto os quero-queros, assustados, fazem o côro, se distanciando. Um cavalo baio, um autêntico matungo, beberica à beira da lagoa e, sobre as águas, esvoaça a tênue cerração da manhã. É a paz, a doce paz dos campos...

Na canhada, canta um galo no terreiro do rancho, enquanto o velho colono, maltratado pelo trabalho árduo na lavoura, vibra o seu primeiro pigarro na cozinha. O sol ainda não despontou na linha do horizonte, mas o homem se dirige para o cercado, a fim de esperar o filho com a cavalhada. Depois, ele dá umas palmadinhas no pescoço do seu pingo, murmurando guturais palavras de carinho. Examina as patas do bicho, alisa-lhe a crina selvagem e lhe oferece um pouco de forragem.

O cavalo fica pensando. Há, na verdade, um ar de pensamento na quietude com que comem os cavalos. Seus olhos amortecidos, gigantes, têm uma melancólica expressão de raciocínio. Eles parecem constatar passivamente que sua vida é dura, cheia de penosos trabalhos e de obediente submissão a

seus exigentes donos. E, na verdade, devem concluir mudamente como numa vingança: "São uns verdadeiros homens!"

Enfim, quando a passarada começa a trinar no arvoredo, surge o colono, de novo, com o arreame no braço. O cavalo nem troca as orelhas, tão habituado está com o ritual cotidiano. É páu para toda obra. Poderá ir para a lavoura, ou ter de levar as mocinhas da casa, serra à fora, esgarranchadas sobre o seu lombo manso, de guarda-sol girando no ar. Poderá ir puxar toros de madeira na subida do morro onde se queimou a mata. E talvez ele pense, também, num tempo em que era jovem e impetuoso, quando ainda tinha ânimo para resistir à vontade do homem, e desabalava, corcoveando, esforçando-se por livrar-se de freios e lombilhos...

Às dez horas está feita a primeira tarefa, o cavalo levemente irritado. Seu dono parou na vendinha e ele esteve uma boa meia-hora sacudindo a cauda para espantar as moscas impertinentes.

Novos arreios, coisas complicadas sobre o lombo e o cavalo está em plena lavoura, tirando um arado que fende e revolve vagarosamente a terra fértil. O colono encoraja: "Upa, Malacara,

vamô prá diante, bieho!" Trabalho pesado êsse! Mas compensador. O produto do esforço dos dois será o milho, o feijão, a mandioca, a batata. A tarefa está representando fartura na casa do colono, está fabricando almofadas para a sua velhice. Mas e o cavalo, o cavalo que quase "se entrega" ao peso do arado e fica com as virilhas brancas de espuma? O futuro do cavalo é triste. Velho, será vendido como refugo para a lida das atafonas.

Os passarinhos estão novamente cantando no arvoredo. É o entardecer. O colono já lavou os pés na bacia de louça ágata toda descascada e está de novo saboreando um chimarrão. Caseiro como ele só, assim que as primeiras estrelas cintilarem no céu, irá para a cama... Mas não... Espere aí! Não é que ia se esquecendo!

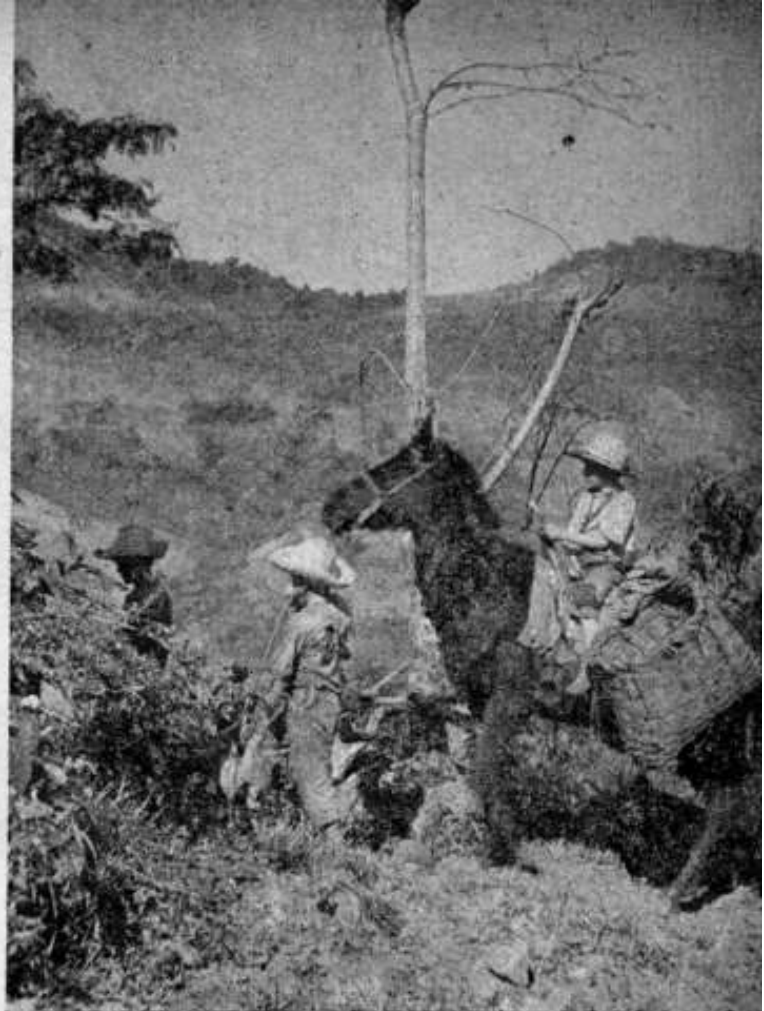
— Ludovico, ó Ludovico! Arrela o Malacara...

E lá se vai o pobre do Malacara, tropeçando nos cupins do atalho. À noite, se a mulher do colono resolve ter alguma "pontada", ainda é o Malacara que galopará pelas estradas, em direção à distante casa do seu doutor.

No outro dia, o Malacara está com o lombo moído. E mais do que nunca, acha que os seus camaradas são uns verdadeiros homens...



AOS DOMINGOS, as coloninhas se estatelam no lombo dos matungos e, chapéus-de-sol em punho, vão à clássica festa que fica "logo ali".



O MATUNGO do colono é pau para toda obra. Tanto forceja no arado como vai até a vila, que fica longe, e volta carregado de fardos.



CENAS como essa, são comuns no interior do Rio Grande. Rio pacífico, árvores centenárias, reflexos tranquilos, homem e cavalo.

O gaúcho de bota-e-espora e o pinga se completam. Um não é nada sem o outro. Entretanto, na velhice, o cavale irá para o arado.